
Entrelaçamento entre a Música Russa e o Pensamento Geográfico Brasileiro – resenha da obra: “Por abismos... casas... mundos... ensaio de geosofia fenomenológica”, de Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

Lívia de Oliveira¹

Quando **Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho** presenteou-me com este pequeno grande livro, não imaginava as maravilhas e deslumbramentos contidos em seu texto. Fiquei meio atordoada com tanta beleza, profundidade e sonoridade. Muitos trechos de “**Por abismos... casas... mundos...**” li e reli. Fui degustando aos poucos, parando e pensando, experienciando e sentindo, me perdendo e me encontrando por este “**ensaio de geosofia fenomenológica**”.

Ao mesmo tempo em que me aprofundava na leitura, escutava ao longe a música pungente dos “Quadros de uma exposição”, do compositor russo Mussorgsky, do século XIX. Foi um dos compositores destacados, dentre os grandes músicos russos, pela sua imaginação e criatividade, pertencente à escola de São Petersburgo, de estilo nacionalista e não ocidental. Suas inspirações foram baseadas em contos tradicionais, em lendas folclóricas de sua amada Rússia. Trouxeram um novo vigor, uma lufada fresca de exaltação nacional. Os quadros eram inspirados em telas do pintor, amigo, Victor Alexandrovich Hartmann. Eram como desenhos e esboços de peças musicais, simples estudos para piano. Bem mais tarde, foi Maurice Ravel quem as transformou, orquestrando as obras do russo, tornando-a clássico mundial, como é conhecida hoje em dia.

São dez quadros musicais conectados cada um por uma *Promenade*, um passeio que nos leva de um quadro a outro:

Promenade

Gnomos saltitantes com gorros vermelhos chamejantes remetem à árvore de natal de St. Petesburg, de 1869.

Promenade

O velho castelo representa uma tela pintada a partir de uma viagem à Itália. Diante do

¹ Professora Emérita do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP).

castelo medieval um triste trovador canta saudoso.

Promenade

Tulherias expressa um grupo de crianças em passeio feliz por entre flores em jardim parisiense.

Promenade

Bydlo é uma velha carroça polonesa de rodas enormes puxada por bois. O carroceiro canta velhas canções folclóricas.

Promenade

Dança dos filhotes em suas conchas foi baseado nas roupas desenhadas por Hartmann para o Bolshoi, em 1871.

Promenade

Dois obras *Samuel Goldenbert* e *Schumuyle* inspiraram esta pintura: um poderoso judeu com um gorro de pele e o outro um coitado judeu de Sandomir.

Promenade

Limoges representando uma sessão festiva na praça do mercado com mulheres fofoqueiras.

Promenade

Catacumbas representadas com o subtítulo “sepulcro romano” com o morto na mente (*com mortuis in lingua mortua*).

Promenade

A cabana da colher da coxa de galinha, representando a lenda russa do feiticeiro Baba Yaga que vive em um relógio misterioso.

Promenade

O grande portão de Kiev termina a exposição, lembrando o imenso pórtico com colunas suportando um arco que é coroado por um elmo entalhado.

Ler “Por abismos... casas... mundos...” foi, para mim, uma experiência de um passeio por aqueles quadros telúricos e de grande significado. Este entrelaçar reflexão e som é uma contribuição de minha parte às explorações que o autor trabalhou perscrutando “da necessidade de cultivar e de narrar experiências viageiras” (GALVÃO FILHO, 2019, p. 15). Os acordes sinfônicos acompanham o caminho da geosofia, por entre as telas da exposição. São as estações, as paradas da viagem por entre um adágio e um allegro, é o sopro poético de uma flauta e são pinceladas de matizes vivas e “um apelo telúrico que alimenta o desejo de pensar em como resistir [...]” (GALVÃO FILHO, 2019, p. 17). É pensar com o coração, com as luzes e às sombras, com os sons e as cores, do nascer deste mundo.

“Pensar origens” é o entrelaçamento de paisagens pictóricas com paisagens severas. É “pensar a viagem enquanto possibilidade de uma metamorfose” (GALVÃO FILHO, 2019, p.

19, 22). É uma viagem vivida por entre os quadros de uma exposição, são partituras musicadas, brotando das origens do pensar. É a geograficidade, é a dimensão geográfica, nos lugares, nos territórios longínquos, “sempre à espreita de possíveis elementos que adense a urdidura que é própria” (GALVÃO FILHO, 2019, p. 17). A geosofia imprime a direção ao útero ao aconchego da sequência das cenas representadas.

Tudo isso é “uma vertigem geográfica, uma poética da geografia”, que nos conduz por um iniciar abismático existencial. (GALVÃO FILHO, 2019, p. 45).

“As terras desmedidas, caminhos incógnitos” é a continuidade das viagens do autor diante de abismos e novos mundos que surgem como caminhos ainda não conhecidos, exigindo novas experiências geográficas. Nascendo e morrendo, o mundo vai se transformando. (GALVÃO FILHO, 2019, p. 93).

Chegamos assim a “Prestes a viajar, a casa muda sua tonalidade”. Nesta altura o autor voa sobre coisas e mundos. Sobre paisagens e horizontes. Com ritmos saídos das “raízes daquilo que somos” (GALVÃO FILHO, 2019, p. 105).

O livro tem como desfecho o Posfácio de “Antonio Carlos Queiroz Filho”, que repercute a prosa de Galvão Filho com sensibilidade poética e geográfica, compondo, em conjunto com a narrativa do autor, um dicionário de geosofia que emana destas páginas.

Um pequeno grande livro, como disse no início. Uma contribuição para a escrita geográfica, desafiadoramente poética, sem perder em nada o rigor ou a densidade dos grandes tratados de filosofia.

REFERÊNCIA

GALVÃO FILHO, C. E. P. **Por abismos... casas... mundos...**: ensaio de geosofia fenomenológica. Londrina: EDUEL, 2019.

Recebido: março de 2020.

Aceito: março de 2020.